

# INTERPRETAÇÃO ZOOCULTURAL NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ-AÇU. MT, BRASIL)

Maria Corette Pasa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu localizada no município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso. O propósito central do trabalho foi o de interpretar as relações existentes entre a população e o seu ambiente, integrados no contexto sócio-cultural e ambiental relacionados ao uso dos recursos animais. O procedimento metodológico utilizado combinou aspectos qualitativos e na execução das seguintes etapas: descrição ecológica dos ecossistemas; descrição sócio-econômica das famílias estudadas; acompanhamento das principais atividades produtivas; acompanhamento das atividades de coleta nas matas de galeria; verificação das diferentes estratégias dispensadas à preparação e conservação dos recursos vegetais e a interpretação dos conhecimentos etnobiológicos, com ênfase no aspecto etnozoológicos emitidos pela população local. Os moradores rurais identificam diversos micro-habitats no interior da mata de galeria, aos quais associam a presença de determinadas espécies vegetais e animais. As pessoas demonstraram ampla compreensão sobre o comportamento trófico e reprodutivo dos animais que conhecem e que convivem em sua propriedade e nas áreas próximas, sem perder de vista a associação ecológica planta-animal-planta. Atribuem as plantas (sofre mais ou sofre menos; reage muito ou reage pouco) e aos animais (comem muito ou comem pouco; são ariscos ou são mansos) uma classificação por oposição binária em função do seu comportamento.

**Palavras chave:** Etnobiologia; Zoologia; Conservação.

## ZOOCULTURE INTERPRETATION IN THE COMMUNITY OF CONCEIÇÃO- AÇU (ON THE UPPER BASIN OF THE RIVER ARICÁ-AÇU, MT, BRASIL)

**ABSTRACT:** This study was carried out in a rural community Conceição-Açu located in the country of Cuiaba, Mato Grosso state. The main purpose of this paper was to interpret the existent relationship between the population and their environment, inserted in the socio cultural and environment context related to the use of animal resources. Through the information given, it was possible to analyse the social structure and the quality of li Checking of the different strategies used in the interpretation of the etnobiological knowledge, giving emphasis etnozoolologic aspect, given by yhe local population. The rural inhabitants identify several micro habitas in the interior of the gallery wood, to which the presence of certain species of animals are associated. People showed a comprehensive understanding of the trophic and reproductive behaviour of the animals that they know and live with in their properties and in nearby areas, not forgetting the ecological association plant-animal-plant. It's attributed to the plants (suffer more or less; react a lot or react a little) and to the animals (eat a lot or a little, they are wild or tame) a classification by bynary opposition because of their behaviour.

**Words key:** Etnobiological; Zoology; Conservation.

<sup>1</sup> Departamento de Ciências Biológicas. ICEN/CUR/UFMT. Rondonópolis, MT. pasamc@brturbo.com.br

# INTRODUÇÃO

O processo de conhecimento e a prática para a conservação da fauna se dão primeiramente no que se diz respeito à conservação da flora que significa a manutenção da teia alimentar dos animais e secundariamente à valoração dessas áreas onde a conservação é exercida através do manejo para uso em atividades de organização social de produção para manutenção dos bens necessários (Odum,1988).

Em termos de subsistência, os índios caçam mamíferos e aves de diversas espécies. Alguns alternam locais para melhor proveito respeitando superposição de habitats nas áreas de caça. A alta proporção de proteína e gordura da carne de caça torna-a um alimento que proporciona vigor e resistência às doenças. Animais de caça em estado de semi-domesticação em áreas circunscritas, isto é, em capoeiras, sítios fechados com cercas, quintais ou nas proximidades com as hortas domésticas produzem um excedente substancial protéico para a economia familiar (Ribeiro,1987).

Este trabalho tem como objetivo conhecer os recursos faunísticos existentes na área rural da comunidade de Conceição-Açu (MT, Brasil) bem como a utilização desses recursos animais como subsistência ou lazer no cotidiano da população local. Os objetivos que conduziram o conhecimento da presente proposta envolvem especificamente o etnoconhecimento zoológico das espécies que vivem e convivem na região.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu situada na Baixada Cuiabana, no Município de Cuiabá, MT, a 45 km ao sul de Cuiabá, na alta bacia do rio Aricá-Açu, afluente do rio Cuiabá (região de APA conforme Decreto Estadual de 27/11/1995). A área de estudo encontra-se delimitada pelas coordenadas geográficas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W e localiza-se na Microregião de Cuiabá, pertencente à Mesoregião – Centro Sul Mato-grossense (Radambrasil,1982).

Segundo a classificação climática de Köppen domina na área um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) que coincide com o inverno. As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C. Há um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto. A média das máximas fica entre 30°C e 32°C sem grandes oscilações durante o ano, embora as mínimas decresçam no inverno e a noite. A formação vegetal

predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcáreos representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo dos rios (PCBAP, 1997).

As principais atividades econômicas é a agricultura de subsistência, a fabricação de farinha de mandioca, a pesca e a caça, todas para o consumo familiar.

As técnicas aplicadas para execução da pesquisa de campo envolvem desde o questionário, que corresponde à técnica mais fechada de lidar com a fala dos informantes, até o outro extremo, a observação participante (Minayo, 1994). Entre os extremos, utilizou-se a técnica da entrevista. A técnica da entrevista, mais flexível do que o questionário pelo tipo de linguagem empregada, pode ser mais ou menos aberta às peculiaridades culturais do informante (Viertler, 2002).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Furtado (1993) a pesca, ao longo dos anos, vem auxiliando na economia das famílias ribeirinhas como forma de proporcionar, enquanto fonte de proteína, a quantidade mínima diária necessária ao ser humano. A população rural de Conceição-Açu também depende da pesca, enquanto fonte de proteína animal para sua subsistência. Entre os moradores locais o aprendizado sobre a arte da pesca tem início durante a infância, geralmente com a família. Assim, o caráter da atividade da pesca na região como subsistência e lazer variam de acordo com a disponibilidade de tempo e oferta do produto.

Como o objetivo da pesca na região está direcionado para a subsistência das famílias, as tecnologias ou apetrechos utilizados constituem-se dos mais simples possíveis, o comum.

O conhecimento sobre o ambiente inclui também a percepção de mudanças ambientais. E um exemplo destas mudanças é decorrente das variações das qualidades e quantidades de peixes nos cursos d'água local, conforme expressão de um morador da região.

*“... na seca nós pega mais o bagre e a traíra... no tempo das água quando o rio tá cheio pega até piraputanga, douradinha ele erra do canal do rio Aricá e sobe pro Angicá... no tempo das água não tem traíra, ela fica na loca (pequenos buracos na margem do rio) zelando os fios... não leva comida na loca... já o bagre se esconde na loca que é escurinho, só sai da noitinha em diante... de noite é mais fácil de pegá peixe...”* (Sra. M. do C.S.C. 55 anos. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Entre a população local os entrevistados citam a importância do peixe no aspecto da dieta alimentar, classificando determinadas espécies de peixes como comestíveis ou não, ruins ou bons, grandes ou pequenos, rápidos ou lerdos. Acredita-se que a preferência alimentar se revela particularmente sobre o conhecimento das espécies locais em função de espécies potencialmente utilizáveis na alimentação das pessoas.

As aversões alimentares e restrições detectadas na região encontram-se relacionadas a uma condição específica ou período específico, como por exemplo “... *a mulher grávida deve evita de come o peixe...não assenta bem pra ela...* ou à característica da espécie “... *o peixe sabuco não é preferido... tem um cascão ruim de limpá, só com água quente pra limpá... peixe nenhum come ele por causa do cascão...*” (Sra. A. A. da S. 52 anos. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

De acordo com as entrevistas, sob o ponto de vista êmico, a frequência de consumo e a preferência de determinada espécie, encontra-se diretamente relacionada às características do peixe para o consumo, à disponibilidade de tempo para as atividades de pescaria e à sazonalidade que influencia diretamente sobre a abundância de determinada espécie, é o que confere o relato de uma pescadora da região:

*“...pra nós os peixes mais fácil de pega é o lambari... quiaia de lambari no corgo...a joanaguenza que a gente também chama de maria boquinha e o carazinho...esses sempre a gente pega... tem sempre.. já a traíra tem muito na seca... no tempo das águas não tem traíra”.* (Sra. M. do C. S.C. 55 anos. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Conforme os moradores da região os peixes que conhecem e deles se alimentam são facilmente reconhecidos porque se referem a cada espécie segundo “atributos” êmicos que lhes são conferidos durante a atividade de pescaria. Através do seu cotidiano sabem identificar e descrever com facilidade e clareza o “comportamento” de cada espécie, sua abundancia ou escassez, a dinâmica de ação de cada espécie dentro da cadeia alimentar, facilidade ou não de captura e assim, atribuindo-lhes características relacionadas ao comportamento de cada peixe, é o que mostra a Tabela 1.

**TABELA 1. Correspondência entre as espécies locais (nomes populares) e identificação científica, característica êmicas e importância cultural das espécies de peixes para a região de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002.**

| Nome Científico                | Família          | Nome Popular   | Características   |
|--------------------------------|------------------|----------------|---|
| <i>Hoplias malabaricus</i>     | ERYTHRINIDAE     | Traíra         | “é mansa, lerda, a gente pega de facção, aparece só na seca, a traíra come mais é o lambari”                                      |
| <i>Pimelodus ornatus</i>       | PIMELODIDAE      | Bagre          | “de dia fica na loca zelando os filhos, na loca é escurinho. O bagre come lambari”  |
| <i>Satanoperca pappaterra</i>  | CICHLIDAE        | Carazinho      | “esse é fácil de pega, tem sempre muito dele aqui, é manso, é pequeno”  |
| <i>Crenicichla vitata</i>      | CICHLIDAE        | Maria boquinha | “muito fácil de pega, é lerda, e também Joanaguensa tem muito dela aqui, tem sempre”  |
| <i>Astyanax bimaculatus</i>    | CHARACIDAE       | Lambari        | “fácil de pega, ele é manso e come as fezes do martinho pescador, quia de lambari aqui no corgo e no rio”                         |
| <i>Prochilodus lineatus</i>    | PROCHILODONTIDAE | Curimba        | “aparece com rio cheio, só no rio cheio esse peixe é esperto, sobe o rio Aricá não pega no anzol, esse é bravo”                   |
| <i>Leporinus macrocephalus</i> | ANOSTOMIDAE      | Piau           | “desse peixe pega o ano todo, ele gosta de come a frutinha do ingá”   |
| <i>Brycom microlepis</i>       | CHARACIDAE       | Piraputanga    | “esse também pega o ano todo, ele gosta come fruta da arvore que cai na água”   |
| <i>Liposarcus anisitsi</i>     | LORICARIDAE      | Sabuco         | “não é preferido nosso, tem um cascão, cascão ruim de limpa, limpa só com água quente, peixe nenhum come ele por causa do cascão” |

Foram registradas nove espécies de peixes conhecidas pelos moradores de Conceição-Açu destas, oito espécies são consumidas na dieta alimentar das famílias locais. As espécies de maior destaque, conforme relato dos moradores foram o *Astyanax bimaculatus* (lambari), *Crenicichla vitata* (maria-boquinha), *Satanoperca pappaterra* (carazinho), *Leporinus macrocephalus* (piauí) e *Brycom microlepis* (piraputanga). As famílias que mais se destacaram foram Characidae e Cichlidae.

A classificação dos peixes por oposição binária é usual na ictiologia (Marques,1995). Entre os moradores de Conceição-Açu que praticam a pescaria nos cursos d’água local, os peixes foram classificados de mansos ou bravos, fortes ou fracos, grandes ou pequenos, bons ou ruins. O curimba é classificado como bravo, é dito agressivo ao ser fígado. Os bravos parecem ser preferidos porque desafiam a capacidade do pescador na arte de pescar (Pasa,1999).

As atividades envolvidas pelo cotidiano rural nessa região seguem uma racionalidade temporal onde cada atividade tem seu tempo e sua hora. Hora de trabalhar na roça, hora de coletar nas matas, hora de caçar, hora de pescar, de conversar no quintal da casa, de arrumar os instrumentos de trabalho, entre outras. Diante dessa característica, de fazer cada tarefa no seu tempo, lhes é atribuído a qualidade de polivalentes, fazem de tudo. Assim, a diversificação de atividades locais resulta em um conhecimento detalhado não apenas dos recursos aquáticos, mas também dos recursos terrestres.

O tempo de permanência nas atividades de pescaria varia conforme a disponibilidade de tempo para a execução da mesma. Em média, permanecem entre uma e duas horas na beira do rio nos dias de semana. Nos finais de semana o tempo pode se prolongar por até 5 horas conforme o rendimento da pesca ou pelo prazer de pescar.

Quase sempre o peixe é imediatamente consumido após a pescaria. Quando não é consumido recebe a salga, que é um tratamento especial para que se mantenha em condições de conservação. Esse tratamento denominado salga entre os moradores da região, começa, inicialmente, pela devida limpeza de escamas e das vísceras do peixe, após, o peixe recebe uma grossa camada de sal por dentro e por fora que o protegerá de deteriorizações e assim, mantendo a carne da pesca saudável para ser consumida durante um período não muito longo. Essa técnica constitui-se uma das formas de garantir as proteínas diárias para a população de Conceição-Açu.

O conhecimento e uso dos recursos faunísticos não se restringem à pesca ou a um tipo de ambiente. Os moradores locais dependem de diversos recursos como fonte de proteína animal na dieta alimentar e praticam uma série de atividades de maneira integrada para sua subsistência.

Entre a diversidade de atividades desempenhadas encontramos o criatório de animais domésticos onde as formas tradicionais de produção utilizam animais de pequeno porte como aves, suínos, criados geralmente, com restos de alimentos domésticos. O gato e o cachorro criados como animais de defesa e de estimação.

As aves consideradas domésticas são aquelas espécies de animais que convivem com as pessoas ao permanecerem continuamente por tempo determinado nas árvores do quintal ou no próprio terreiro e assim, participando nas atividades e no cotidiano das famílias locais.

*“...as gralhas vem todo dia aqui no quintal, elas (as gralhas) brigam são sete irmãs brigam tanto que causa maior querência no quintal.gralha é forte, corajosa, enfrenta até gavião...”* (Sr. R.M.C. 48 anos. Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Além dos animais de pequeno porte se empenham, também, na criação de animais de grande porte como os bovinos e caprinos, os quais recebem tratamento extensivo quanto à forma de criação. Assim, o saldo contínuo de fonte de proteína animal é fornecido basicamente pelo peixe obtido através da pescaria e o abate de animais domésticos de pequeno porte como galinhas e porcos.

A fauna selvagem também contribui, com menor intensidade, para a alimentação humana. Muitas espécies de vertebrados (mamíferos, pássaros e répteis) são caçadas para se

obter sua carne. Espécies de invertebrados não foram detectadas como fonte de proteína animal, e sim, produtos, como o mel, são muito procurados e apreciados pela população local.

Igualmente aos peixes as pessoas da região se referem aos animais através de atributos, ou seja, as categorias recebem atributos complementares e classificação binária onde a especificação qualitativa é percebida e transmitida com riqueza de detalhes. É o caso do “...fazer baruido (barulho)” atribuído ao comportamento dos bugios na mata quando anunciam chuva. Portanto, a etnodescrição (Marques, 2002) segue a especificação dos atributos que se estendem ao comportamento dos animais.

Em Conceição-Açu detectou-se que o comportamento dos animais é uma forma de expressão muito comum entre as pessoas e dessa forma expressam o vocabulário local. Esses atributos se estendem aos animais que conhecem ou que consomem como fonte de proteína animal, inclusive as referências acontecem em função da cadeia alimentar. A referência tida pelo morador ilustra a presente colocação.

*“...o macaco sauí come milho da roça...é esperto demais... ele casca todo o mio mais quando não dá tempo ele casca duas tira da espiga, amarra e joga na costa... e vai comê lá na arvore ... Quando a pessoa vê ele, os outros macacos da árvore gritam pra avisá ... avisá os que tão robando os mio na roça... eles come também os fruto do jatobá...”* (Sr. H. C. G. 67 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002.

O animal ao ser etnodescrito passa a fazer parte da paisagem, contribuindo ou prejudicando o elemento natural, enquanto meio de produção, quer nas roças, nos campos ou nas matas. O animal passa, então, a ser decodificado conforme atributos próprios do seu comportamento baseado unicamente no perceber localmente contextualizado. Desta forma, Marques (2002) ressalta que “...a referência a esta categoria de atributos zoológicos é um instrumento que funciona como fonte de informações dos animais ao indivíduo”.

Baseado nas informações obtidas através das entrevistas, a etnotaxonomia faunística de Conceição Açu constitui-se de uma importante fonte de expressão do conhecimento e da sabedoria popular local e, assim, representando a faceta *sui generis* do conhecimento empírico da população local, referencia esta que pode ser conferida através dos dados inclusos na Tabela 2.

**TABELA 2. Correspondência entre as espécies locais (nomes populares), identificação científica e características êmicas da fauna da região de Conceição Açu, Cuiabá, MT. 2002.**

| ESPÉCIE                          | FAMÍLIA        | NOME POPULAR  | CARACTERÍSTICAS   |
|----------------------------------|----------------|---------------|---|
| <i>Tapirus terrestris</i>        | TAPIRIDAE      | Anta          | "é forte a carne da anta... Se suá é pura anta.   |
| <i>Dasyprocta aguti</i>          | DASIPIROCTIDAE | Cutia         | "...essa carne é boa..."  |
| <i>Agouti paca</i>               | AGOUTIDAE      | Paca          | "...a carne é boa... a paca atravessa o rio pra come o coquinho do Acuri"                   |
| <i>Hydrochaerus hydrochaeris</i> | HIDROCHAERIDAE | Capivara      | "...a carne é seca"   |
| <i>Mazama gouazoubira</i>        | CERVIDAE       | Veado         | "...hoje tem pouco..."  |
| <i>Dusycion vetulus</i>          | CANIDAE        | Lobet         | "...come galinha"   |
| <i>Tayassu tajacu</i>            | TAYASSUIDAE    | Caititu       | "...aparece na seca, come milho e mandioca na roça"   |
| <i>Euphactus sexcinary</i>       | DASYPODIDAE    | Tatu-peba     | "... é bom de caçar... a carne é muito boa".  |
| <i>Rhea americana</i>            | RHEIDAE        | Ema           | "...é corajosa, come cobra pequena".  |
| <i>Cebus sp</i>                  | CEBIDAE        | Macaco-sagüi  | "... esse é pequeno mais é muito do ligeiro.. esperto."                                     |
| <i>Cebus sp</i>                  | CEBIDAE        | Macaco-prego  | "...esse é muito ligeiro".  |
| <i>Alonatta caraya</i>           | CEBIDAE        | Bugio         | "...faz baruio na mata, quando vai chove, ele joga casca da arvore na Edna, igual gente..." |
| <i>Tayassu pecar</i>             | TAYASSUIDAE    | Queixada      | "...na seca come tudo que tem na roça..."   |
| <i>Celeus sp.</i>                | PICIDAE        | Pica-pau      | "...esse tem na mata..."  |
| <i>Cyanocorax sp.</i>            | CORVIDAE       | Gralha        | "...enfrenta gavião, come ovo, pinto, manga, caju, abacaxi"                                 |
| <i>Ictia plúmbea</i>             | ACCIPITRIDAE   | Gavião        | "come pinto e galinha..."   |
| <i>Columba livia</i>             | COLUMBIDAE     | Pomba         | "...carne boa pra se come"  |
| <i>Ara manilata</i>              | PSITTACIDAE    | Maracanã      | "... faz querência no quintal, de tardinha come coquinho de babaçu"                         |
| <i>Rynchotus rufescens</i>       | TINAMIDAE      | Perdiz        | "...carne é boa... bom de caça"   |
| <i>Iguana iguana</i>             | IGUANIDAE      | Irara         | "...pega as galinhas".  |
| <i>Tupinambis teguxin</i>        | TEIUIDAE       | Lagarto       | "... come ovo e pinto."   |
| <i>Ara nobili</i>                | PSITTACIDAE    | Nandaia       | "...carrega cacho de arroz, vai come na árvore na mata..."                                  |
| <i>Ceryle torquata</i>           | ALCEDENIDAE    | Martinpescado | "...é pequeno mais é sabido, marguia pega lambari na boca"                                  |
| <i>Crypturellus undulatus</i>    | TINAMIDAE      | Jaó           | "...esse parece a galinha... mais nós não come dele"  |
| <i>Penelope superciliaris</i>    | CRACIDAE       | Jacu          | " esse tem muito mais nós caça dele, não é pra caça".                                       |

A caça diminui significativamente na época da seca. O fluxo dos recursos vindos da caça é, seguramente, sazonal, ou seja, oscila conforme a presença ou ausência das águas, determinado pelas condições climáticas locais. Conseqüentemente a oferta de alimentos na mata fica condicionada à sazonalidade. Para os moradores locais a oferta de caça é farta na época das "águas", porque tem muita comida, muito fruto para os bichos dentro da mata.

Na seca a água dos cursos d'água diminui, diminuindo também o estoque de comida, com isso, os bichos saem da mata em busca de alimento. A oferta de comida para os bichos encontra-se muito perto, nas roças, próximo das matas. Portanto, na época da seca as plantações nas roças são, muitas vezes, destruídas pela fome dos bichos.



Esta situação pode ser entendida e percebida como a fase que representa a exaustão temporária da caça nas matas de galeria. Fase esta que se perdura durante o período da seca. Conseqüentemente, esta ação provoca uma reação em cadeia que promove, também, a exaustão temporária das roças, pela devastação das plantações pelos animais que migram da mata de galeria.

Acredita-se que devido à localização física da região, a vegetação, o clima e as barreiras geográficas, como rios e montanhas não utilizadas pelo homem, favorecem a representação e conservação faunística na área, pois impedem a migração dos animais para adjacências em busca de comida. Portanto, na seca, o habitat dos animais varia de acordo com sua mobilidade espacial, a qual, na área de estudo, se restringe entre a mata de galeria e as propriedades, e assim favorecendo a manutenção das espécies da fauna local.

Conforme o relato dos entrevistados as espécies da fauna de maior preferência para a população local, no que diz respeito à caça foram a paca, a cutia, a capivara, a perdiz, a pomba e o tatu galinha. Outras espécies de animais entre mamíferos terrestres, aves terrestres e aves aquáticas, são apenas apreciados pelo seu comportamento no convívio cotidiano dos moradores desenvolvendo ao longo do tempo uma relação de afetividade pela presença dos animais no terreiro ou mesmo na residência dessas pessoas, a exemplo a nandaia e a gralha, corroborando com os dados resultados de (Nair, 1993 e Sick, 1997).

Embora este estudo não pretenda representar o conhecimento total da população de Conceição Açu, em relação à fauna local, em questão, ele certamente dá uma idéia do número de espécies conhecidas e utilizadas pela população local.

## **CONCLUSÕES**

Em Conceição Açu, devido a sua localização física, confinada entre o rio Aricá e a serra da Chapada dos Guimarães, favoreceu o processo de interferência mais efetiva nos ecossistemas locais. Isso, de certa forma, auxiliou na preservação das áreas naturais, mas não se refletiu, na mesma proporção, na manutenção do conhecimento sobre a fauna, de geração em geração. Recursos faunísticos participam da subsistência local, mas com intensidade menor que a agricultura de subsistência. Assim, a presença da fauna nas roças e nos quintais das propriedades, na época da seca, é um padrão sazonal resultante da ação conjunta de fatores climáticos e ecológicos que se traduz pela diminuição ou mesmo falta de alimentos nas matas de galeria da região. Isto representa uma soma de habitats de borda.

Na região, no que se refere à fauna local, seria necessário um investimento qualitativo e quantitativo mais específico de investigações científicas e a congregação de esforços para uma análise micro e macro regional sobre gradiente de diversidade, origem e

distribuição, fatores limitantes desta distribuição e relações filogenéticas. Estudos mais profundos integrariam propostas que possam garantir adequados planos de conservação da fauna local.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACIESP. “Glossário de Ecologia 2ª Edição (Revista e Ampliada)”. Publicação da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, n 103, 351p. 1997.

BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem – Ambiente. **Interciência**. May – June, 18 (3): 121 a 130. 1983.

FURTADO, L.G. **Pescadores do rio Amazonas**: Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Supercores. Pará. 486p. 1993.

GEERTZ, C. **O Saber Local**: Novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis. R J. Vozes, 1997.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan. 323p. 1989.

HANAZAKI. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In: Albuquerque, U. P. *et al.* (org.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE. P.17-26. 2002.

MADI, E. ; BEGOSSI, A. Pollution and food taboos: a practical reason? **Journal of Human Ecology** 8(6): 405-408. 1997.

MARQUES, J. G. W. **Pescando Pescadores**. Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco Alagoano. São Paulo: NUPAUB / USP. 285p. 1995.

MARQUES, J. G. W. Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Albuquerque, U. P. *et al.* (Org.). **O Sinal das Aves. Uma Tipologia Sugestiva para uma Etnoecologia com Bases Semióticas**. Recife. SBEE. p.87-96. 2002.

MCCAY, B. M. ; ACHESON, J. M. In: Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. SBEE. **Anais**, Rio Claro, SP. p. 93-128. 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo. Ed. Loyola. 78p. 1996.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; ABRASCO, 1994.

NAIR, P. K. R. **An Introduction to Agroforestry**. ICRAF/Kluwer Academic Publishers. 401p. 1993.

ODUM, E. P. **Ecologia**. CBS Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan S.A. 434 p. 1988.

PASA, M. C. **A Utilização dos Recursos Vegetais no Vale do Aricá, Mato Grosso: Um Estudo Etnoecológico**. IB. UFMT. Dissertação de Mestrado. 1999.

PCBAP- Programa Nacional do Meio Ambiente: Diagnóstico dos Meios Físico e Biótico. Brasília:PNMA. 2(1) : 32-38. 1997.

RADAMBRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais**. Folha SD 21, Cuiabá. V.26. Brasília. MME/ SG. 544p. 1982.

RIBEIRO, D. ( Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1. Etnobiologia. Petrópolis, RJ. Vozes. 15-25p. 1987.

RIBEIRO, J. F. (ed.). **CERRADO**: matas de galeria. Planaltina: Embrapa – CPAC. 164p. 1998.

SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Anais. Rio Claro, São Paulo. UNESP/CNPq. p.204. 2002.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. 3 ed. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 912p. 1997.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife. SBEE. p.151. 2002.

VIERTLER, R. B. Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. In: Amorozo *et al* (ed.) **Métodos Antropológicos como Ferramenta para Estudos em Etnobiologia e Etnoecologia**.Rio Claro, SP.SBEE. p. 11-29. 2002.